

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

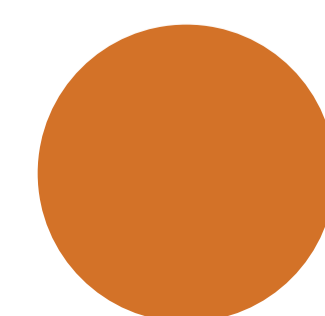
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

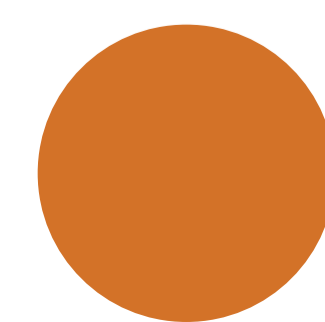
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

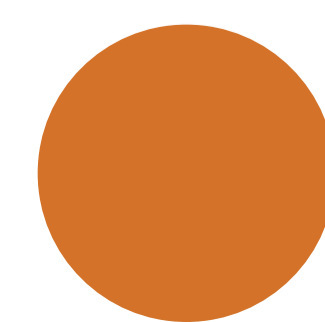
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

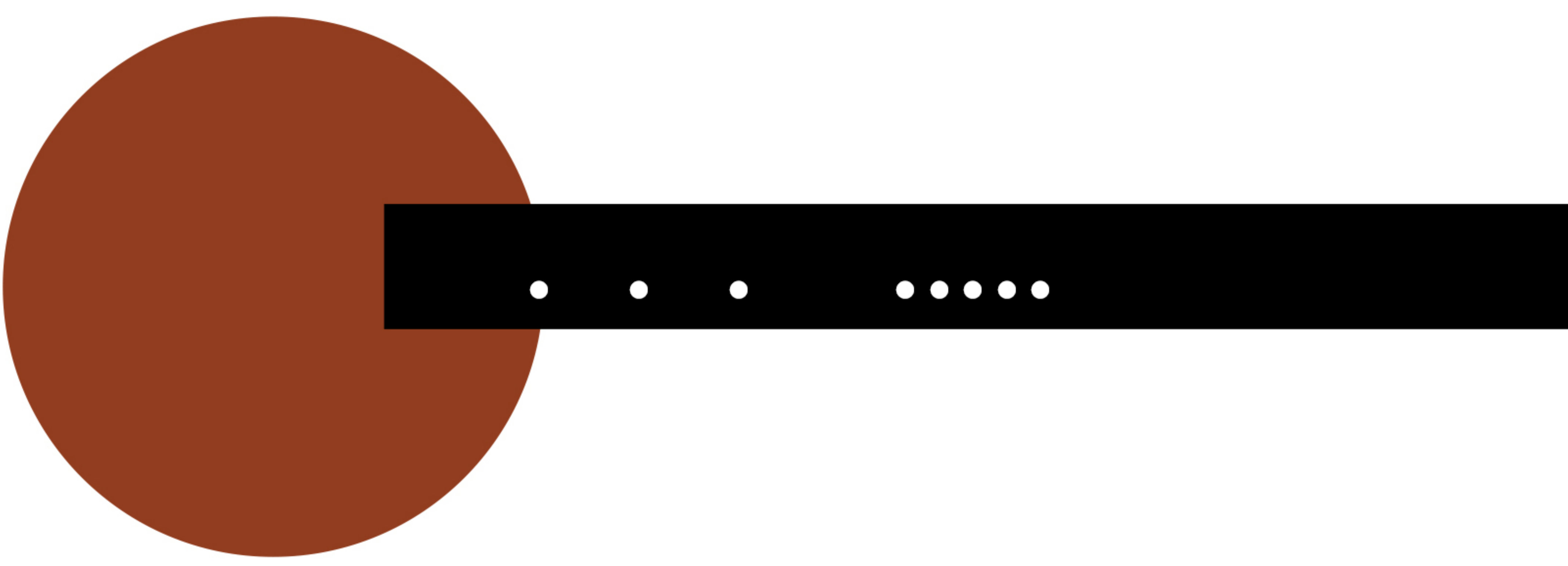
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 2
e o **CORPO,**
ARTES DA CENA
E EPISTEME



.....

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS



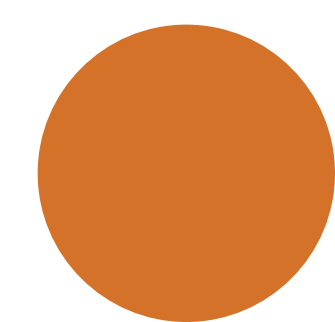
Maria Inês Galvão Souza (UFRJ)¹

Fernanda de Oliveira Nicolini (UFRJ)²

__RESUMO

Este artigo busca estabelecer reflexões acerca de processos de pesquisa artística em dança a partir do contexto de isolamento social devido a pandemia de COVID19 no ano de 2020. Tendo como pontos de partida uma metodologia de análise de algumas pesquisas práticas e experimentações realizadas neste período pelas autoras, o texto busca por cruzamentos entre os processos desenvolvidos, consonâncias e especificidades a partir dos modos de operação subjetivos que tangem o individual,

¹ Profa. Dra. Maria Inês Galvão Souza. Possui doutorado em Artes Cênicas (UNIRIO, 2010), mestrado em Ciências da Arte pela (UFF, 2002). Líder do Grupo de Pesquisa Investigações sobre o Corpo Cênico, atualmente é vice-coordenadora do Mestrado em Dança. Professora das graduações em dança da UFRJ há 30 anos, integra o projeto de Preparação Corporal para Atores em parceria com o curso de Direção Teatral (ECO/UFRJ). E-mail: inesgalvao2@gmail.com
² Fernanda Nicolini é bailarina, performer e pesquisadora. Mestranda em Dança pelo PPGDan UFRJ, sob orientação da Profa.Dra.Maria Inês Galvão, onde pesquisa relações entre corpos e objetos, materiais e imateriais e suas resultantes na dança.Desde março de 2020 vem se dedicando a investigações artísticas sobre danças digitais como o video Message to Balzac (2020) selecionado pelo TanzTheaterWuppertal Pina Bausch Create(AL). Email:ferdinicolini@gmail.com



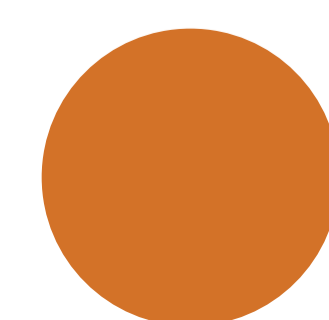
o coletivo, a docência e discência nas danças digitais e em suas virtualidades. Repensar o corpo, a dança, a presença e a cena em tempos de restrições a partir do caos interno e externo se mostra primordial para uma contribuição documental sobre o campo artístico como alicerce para a sociedade.

__PALAVRAS CHAVE

Pandemia, dança, arte, tecnologia, pesquisa em dança

__ABSTRACT

This article seeks to establish reflections on artistic research processes in dance from the context of social isolation due to the COVID19 pandemic in the year 2020. Starting with a methodology for analyzing some practical research and experimentation carried out in this period by the authors, the text searches for crossings between the developed processes, consonances and specificities from the subjective modes of operation that touch the individual, the collective and the academic environment in digital dances and their virtualities. Rethinking the body, the dance, the presence and the scene in times of restrictions from chaos, shows itself as an important contribution on



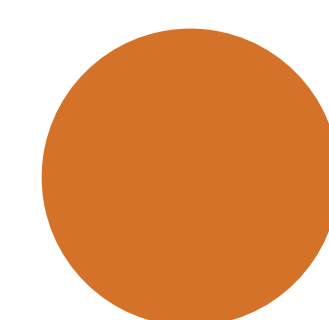
the artistic field as a foundation for society of our time.

__KEYWORDS

Pandemic, dance, art, technology, dance research.

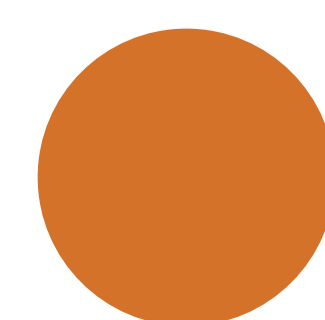
INTRODUÇÃO

O ano de 2020 nos pediu uma pausa para repensarmos a dança, o corpo e nossas relações afetivas, acadêmicas e os caminhos que traçamos até aqui com as nossas artes da cena. O sentido da vida foi atravessado pelas perdas ocasionadas pela Pandemia do novo Coronavírus Sars-Cov-2 (Covid-19). Desde março de 2020, com o necessário isolamento social os processos de pesquisas artísticas foram substituídos freneticamente por relações digitais entre telas. Nesse final de 2020, período em que este artigo foi escrito, ainda estamos tateando nossas descobertas relacionadas aos processos de criação e experiências sensíveis a partir de corpos virtuais que precisam continuar dançando. Temos que responder as nossas angústias e a sociedade de maneira geral que clama por mais arte e cultura dentro de suas casas. Como continuar nessa relação



de distanciamento social e dar conta do encontro com o outro na possibilidade de manter ainda vivas experiências estéticas a partir do corpo?

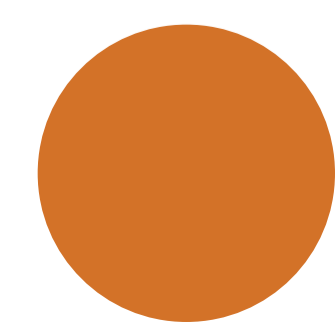
Parar, nos parece uma colaboração com o projeto necropolítico com a arte na busca incessante por seu apagamento, que já se dava em atuação bem antes de tudo isso e agora se afirma com nitidez. Um projeto de apagamento ao que não serve de imediato à rapidez que a economia requisita, ainda que a máquina cultural, mesmo com dificuldade, mobilize muitos empregos. Este se mostra um projeto de desaparecimento do sensível, do desaparecimento do pensamento, do pensamento dos e nos corpos. Este espaço virtual, agora ainda mais reduzido para o corpo, sem dúvida pede uma pausa dramática para uma melhor compreensão pelos artistas. Pausar nossos fazeres para pensar nestas questões não nos parece possível. Precisamos de tempo para isso e este tempo nos clama pela urgência da ação. Ação de busca pela construção de um espaço-tempo virtual de resistência, de não apagamento e de reafirmação do lugar da arte durante a peste e sob todos os ataques. A maior certeza que se apresenta no corpo dos artistas nesse momento pandêmico mundial é a de que não podemos parar. Seguir insistindo em nossos ofícios neste período nos parece fundamental para o autocuidado, a empatia e a sobrevivência emocional e do



campo da dança. Mas, que corpos estão sendo fabricados em tempos do gesto enclausurado? E quais as outras tantas possibilidades de corpos estão deixando de existir na virtualidade pela inacessibilidade digital?

Não há dúvida que os modos de operação e agenciamento de nossas metodologias precisam ser revistos e repensados para uma lógica outra, uma lógica que se estabeleça em relações mediadas pela tecnologia. A contingência também nos leva a buscar novos sentidos da expressão que permeiam a nossa prática como a presença cênica. É preciso ativar a presença para além da fisicalidade, como campo de força e energia resultante da relação de corpos (FERRACINI; FEITOSA, 2017, p. 114). Pensando a presença sob este viés, a qualidade das relações pode estabelecer uma porosidade no termo ajudando-nos a compreender os desdobramentos possíveis de nosso fazer artístico e, por sua vez, de nosso estado de arte, ou ainda, de nossos estados de presença, tendo o meio digital como um potencializador. Uma presença radical como efeito de uma zona de forças em relação, ampliação do poder de afetar e ser afetado (ibid., p.117).

Dessa forma, este texto reúne reflexões de algumas das pesquisas práticas realizadas neste período pandêmico, de isolamento social, sob os pontos de vista dessas autoras artistas-pesquisadoras, convocadas pela urgência a revisitar



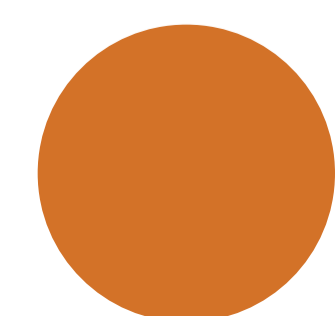
os próprios corpos e processos de modo a resistir. Além de considerarmos a importância na documentação deste tempo, também objetivamos com este trabalho analisar cruzamentos metodológicos a partir da docência e da discência, do coletivo e do individual. O que se replica? O que seria nato da cena digital? Com o objetivo maior de produção de uma documentação para o campo deste acontecimento, buscamos convergências em nossas investigações e assim abrimos um espaço de diálogo produtivo e afetivo.

AFETO AÇÃO

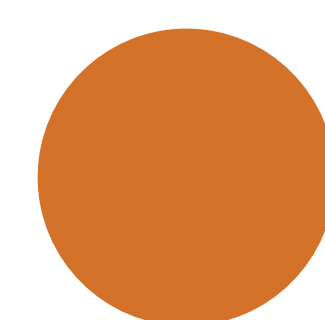
Olhar para uma tela, falar e dançar para o buraco da câmera, lançar o corpo como imagem virtual para o outro lado de um espaço-tempo-sujeito desconhecido tem nos desafiado em meio ao caos dessa realidade. Segundo Verônica Fabrini:

A realidade, eternamente mutante, só pode ser compreendida a partir do devir. O devir desfaz o conjunto de normas, métodos e sistemas, lança o homem no vazio, obrigando-o a compreender a existência como experiência. Nada, além disso. A preciosidade está na impermanência de fórmulas capazes de apreender a existência como ponte, passagem (FABRINI, 2014, p. 6).

Nessa realidade virtual que se estabelece na rede de

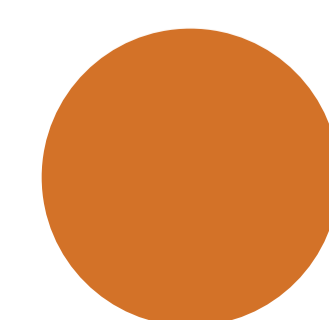


internet, normas, métodos e regras foram colocados em cheque, surgindo poéticas desencadeadas por um devir que retroalimenta a necessidade dos artistas. Fazer fazendo, compreendendo a experiência em si experienciando-a na prática, por um jogo de tentativas, erros e acertos. Corpo e tela tornam-se um novo corpo, uma nova composição atuante, revelando uma contraditória distância quando a intimidade dos lares é desvelada ao toque de um abrir de câmera. Nunca o termo “*Mi casa, su casa!*” se encaixou tão bem... A proximidade se faz relativa e perde quem a deixa apenas no âmbito da materialidade, pois outros precisam ser os contatos que estabelecemos. É urgente a resposta do nosso corpo para esse novo tipo de afeto. Não podemos exigir de nós mesmos as mesmas sensações, afinal é preciso estarmos abertos e disponíveis a diversas possibilidades perceptivas. Interessante pensar que hoje estamos repetindo em voz alta para nos ouvirmos o que a vida inteira, no exercício de nossas docências, dissemos aos nossos alunos. Temos que aceitar o estranhamento inicial de uma tela retangular dançando, desvelando imagens, o corpo virando um mosaico pixelado de aparições e desaparecimentos, quedas, travamentos, robotização das vozes, deformando-se, ficando de diversos formatos e tamanhos, duplicando-se e segmentando-se, e, progressivamente, nos levando a um novo tipo de afecção.



Estamos aqui numa conversa mediada por uma escrita, compartilhada numa tela de computador, Inês Galvão e Fernanda Nicolini. Inês, mulher branca, 53 anos, nascida e criada no subúrbio carioca, caçula de uma família nordestina formada por 11 filhos, professora, trinta anos de atividades na tríade: ensino, pesquisa e extensão em uma instituição pública (UFRJ). Depois de desenvolver muitos projetos, se aproxima hoje de uma ideia de dança onde o corpo busca se expressar em suas múltiplas formas: pelo gesto, pela palavra, pelo canto, pelas roupas, cabelos, sonoridades, entre tantas outras possíveis possibilidades. Atuando no Mestrado em Dança da UFRJ, Inês teve o feliz encontro com Fernanda Nicolini e segue num processo de orientação de um trabalho que fala sobre possíveis relações entre corpos humanos e não humanos em dança. Fernanda, carioca nascida em Laranjeiras junto ao All Star azul de Cássia Éller, tem 38 anos e 28 deles dedicados à dança. Branca e filha única, passou sua infância entre os bairros de São Cristóvão e Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro. Apesar de conhecer a cidade como a palma da mão, se sente um ser dançante em troca com o mundo a partir de sua pesquisa, sua arte e as interfaces que constrói nas experiências, formações e todas as referências que a atravessam.

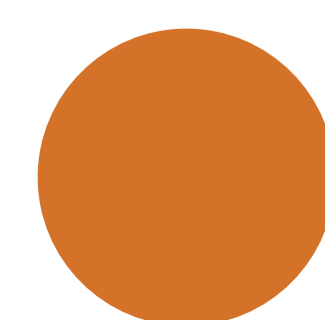
Essas características de vida tão distintas dessas autoras



formam um texto também atravessado por experiências díspares com a tecnologia, mas que podem ser friccionadas com o intuito de encontrar possibilidades de debates sobre temas como a produção artística, acadêmica e a transformação contínua e rápida da vida.

Nessa troca constante entre artistas do corpo mergulhadas no universo acadêmico, achamos uma forma de criar memórias de nossas afetações. Nesse texto, imerso nas *hiperemoções* de um estado de confinamento, com a saudade encarnada em corpos de artistas, falamos sobre a importância de estar na rede, em contato, continuando a criar danças, resistindo juntas em processos colaborativos.

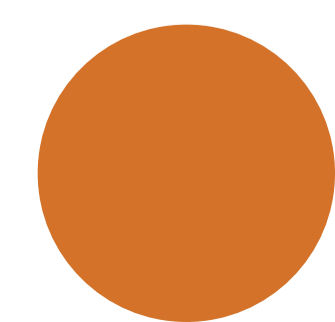
Podemos dizer que esta escrita está em busca de trocas que nos levem a novas questões e não apenas a respostas. Dizem que a dança é a escrita do corpo. Logo, neste documento, nossas danças irão se compondo coreograficamente confluindo ideias e saberes a partir do fluxo de movimento organizado nos parágrafos a seguir. Elaborado a partir de muitas conversas, e mantendo esse espírito de intimidade, esse texto nasce da relação aproximada de duas mulheres artistas do movimento, do corpo e da dança, em etapas profissionais distintas, porém com o mesmo anseio: experimentar arte e vida, orientadora e orientanda. As questões presentes ao longo do texto surgem a partir de encontros do Grupo de Pesquisa Investigações sobre o Corpo Cênico, do qual



as autoras fazem parte. Nesse momento, estamos mais amadurecidas depois de mais de seis meses de isolamento social, parecendo ser o momento ideal para ressaltar a importância do nosso encontro numa universidade pública.

O corpo daquele que dança, está sempre em busca de materiais que produzam sensações e se transformem em impulsos para os movimentos. Nossas pesquisas têm sido estimuladas por essa necessidade de criar com o corpo, a florando sentidos. Entretanto, assim como tantos sujeitos do mundo, nosso corpo tem nos mostrado um estado de vulnerabilidade, explodindo o desejo de um autoconhecimento sensível e de conquista de um estado de resiliência e equilíbrio. “A vida dói. E essa dor – que é uma forma condensada de sentir – quando ganha forma, chamamos de arte. Acho essa a mais bela definição de arte: intensificação da vida”. (FABRINI, 2014, p. 5). Doloridas ou ainda dormentes, sem saber ao certo qual é a sensação que preenche nossos corpos, precisamos continuar nos encontrando nas salas de videoconferência.

O Brasil está imerso no caos político, o governador do estado do Rio de Janeiro está sofrendo um processo de *impeachment*. Processo este que também deveria estar respondendo o atual prefeito da cidade, mas como que em uma grande jogada conseguiu desviar-se. Beirando um



negacionismo *olavista*³, a cidade do Rio de Janeiro segue como se a situação pandêmica já estivesse controlada, bares lotados, pessoas sem máscara, cinemas voltaram a abrir. Nesse momento, como imaginar e provocar reflexões a partir de uma dança que não integra o contato, o encontro, nesse cenário de tantas incertezas?

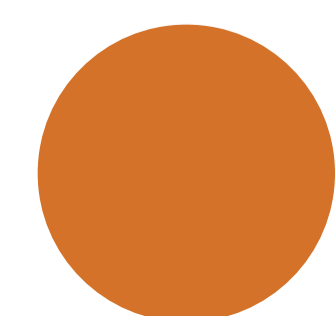
Todas estas questões nos atravessam a cada dia em que sonhar se torna um privilégio e planejar o futuro se tornou circunstancialmente *demodê*. Só temos a certeza do deslimite virtual como palco para construirmos alguma reflexão sobre todas estas forças que nos lembram de nossa pequenez. Através do labor de nossa arte também na forma digital, mediada pela tecnologia, talvez possamos ouvir o terceiro sinal soando para entrarmos em cena. Entremos!

CENA 1 - MARIA INÊS GALVÃO ENTRA CAMINHANDO LENTAMENTE. É POSSÍVEL OUVIR O RANGER DAS TÁBUAS DE MADEIRA QUE COMPÕEM O PALCO. INÊS ANUNCIA:

- QUANDO OLHO PARA O OUTRO E NÃO O VEJO: EXPERIÊNCIAS CORPO CÂMERA EM TELA. LUZ EM PENUMBRA MÉDIA.

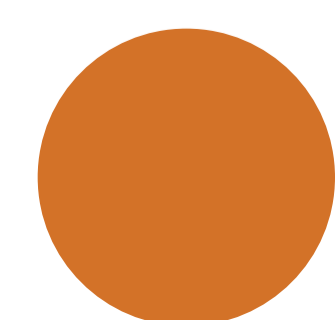
No meu exercício da docência nos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Dança da UFRJ, integro intuitivamente

³ Termo popularmente utilizado em referência ao cidadão Olavo de Carvalho considerado 'guru' do atual governo federal e dos terraplanistas nacionais.



o conteúdo desenvolvido em aula a um componente artístico performativo encarnado em meu corpo. Sem nenhuma ação voluntária, a intuição impregna meu modo de ser como docente. A partir desse corpo cheio de vontade de se comunicar, a sala de aula vira um palco compreendido como espaço de comunicação, de troca e de afeto proporcionados pelas experiências estéticas operadas nas relações entre alunos, entre corpos e ambiente, entre alunos e eu. Em todas as disciplinas existe um primeiro movimento de *chegança* que cria uma ambiência de cumplicidade e de escuta, em seguida, o conteúdo específico aparece como uma demanda do próprio grupo.

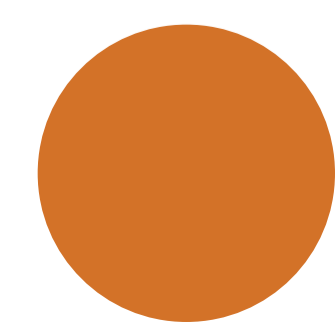
As atividades desenvolvidas durante o período pandêmico do COVID-19 pelo Grupo de Pesquisa Investigações sobre o Corpo Cênico (GPICC/UFRJ/CNPq) nos mostraram o movimento da *chegança* como o momento central de cada encontro. No espaço entre telas nos deparamos com uma rotina dos encontros virtuais que reforçou a *chegança* como fonte principal de aspectos reflexivos sobre o corpo em estado de isolamento e sobre a fratura no tempo que nos criou um abismo nas certezas que tínhamos antes do distanciamento social. No GPICC, graduandos, mestrandos e docentes encontraram-se com vulnerabilidades, dúvidas, sonhos que ficaram numa outra vida. Assim, tivemos que perseguir a ideia de que para continuar existindo era preciso



a todo tempo nos lembrar quem realmente éramos, quem somos e quem gostaríamos de ser. Tivemos que descobrir novas formas de fazer a nossa *corpoesia*. A improvisação textual, as leituras dramatizadas, a criação de performances sobre a dor, o buraco como fonte de inspiração para a produção de materiais artísticos, a fotografia como registro de uma memória e como duplo das existências, a investigação da materialidade da voz, todas essas ações do GPICC foram motivadas por necessidades e expressões do nosso próprio eu, da nossa existência.

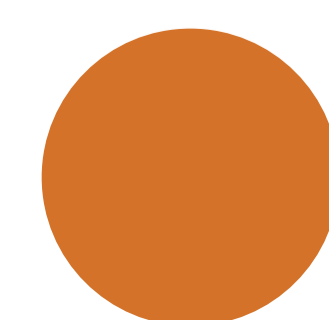
Em todas as minhas atividades dentro da universidade sigo no caminho do atravessamento entre o sentido da arte e o sentido da vida. Nesse aspecto, não posso criar dicotomias entre o eu artista e o eu docente. O que experimentamos na vida está no corpo e o que está no corpo se revela na nossa dança. Insisto para que uma atenção sensível para o mundo pode ser esteio para a criação. Atentar-se para o mundo com os sentidos apurados pode fazer com que um mundo de sentidos se expresse em nossos gestos, palavras, canções, criados ou produzidos com as nossas experiências singulares alargadas. Assim, a reeducação dos sentidos me parece essencial. A percepção do outro e do mundo com os poros da sensibilidade abertos, gerando afetos.

Segundo Patrice Pavis (2017): “O afeto (ou a paixão)



é uma modificação da vida afetiva sob o efeito de uma ação exercida sobre o sujeito. A afetividade é a soma das reações psíquicas desse indivíduo em confronto com o mundo” (PAVIS, 2017, p. 21). Minhas ações na universidade que extrapolam a sala de aula estão permeadas pela ideia de que o conhecimento da dança ganha proporções significativas quando está relacionado aos contextos de vida, aos contextos atravessados pelo afeto. A criatividade, a sensibilidade, a cumplicidade no fazer ganham materialidade quando partem das minhas condutas cotidianas acadêmicas. Quando intérpretes dividem o espaço cênico, precisam abrir a escuta, aflorar sentidos para que a relação estabelecida entre corpos criem uma unidade na linguagem, criem afetos e se comuniquem.

Precisamos entender de que forma criamos essa ambiência, esse espaço de latência que nos convoca a ser preenchido com essas novas formas de se relacionar e produzir dança. A consciência sobre a crise no campo das atividades artístico-culturais, nos fez descobrir radicalmente um espaço virtual onde existe uma troca que revela novas redes junto a outros artistas do Brasil bem como de outros países. Vimos muitos processos criativos que eram verdadeiras investigações sobre formas de transformar a dor em arte de maneira *co-movente*. Começamos a fazer o movimento contrário: marcamos a nossa presença nas

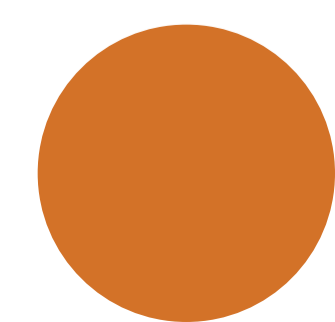


telas durante esse tempo de nos mantermos ausentes fisicamente. *Co-movemos* o outro o convidando a compor sua própria dramaturgia, colocando-se em trânsito de afetos com a obra e o mundo.

No palco não há imunidade. O olhar é palpação, o movimento ação, e ser, relação. Ação ecoa, voz preenche: o corpo sempre interage com algo, mesmo que seja o vazio. Ou, ainda, no palco, vazio não há, pois que se tira tudo e resta a latência. Vazio cênico é latência – no palco o nada aparece, silêncio se escuta (FABIÃO, 2010, p. 321).

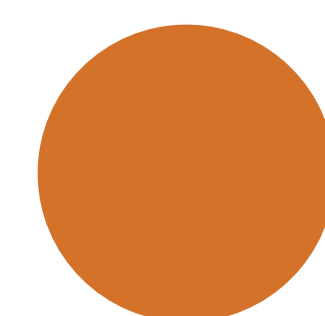
O que tentamos atualmente no GPICC é recriar essa latência do vazio cênico na vitalidade dos encontros mesmo na virtualidade. Estamos tentando nos reinventar, nos religar. Experimentar danças e formas de relação com o corpo e o espaço virtual tem alimentado a nossa fome de arte, a nossa fome de existir dançando. Descobrimos uma nova latência, que logicamente é completamente distinta da latência de um espaço físico, mas que emerge afetos que têm alimentado existências de forma incomparável a qualquer outro tipo de situação.

Nesses encontros virtuais, uma questão que também envolve os afetos e a comunicação entre artistas e público nos mobilizou. Afinal, como olhar e afetar o outro que está do outro lado da tela, da cidade ou do mundo? Como



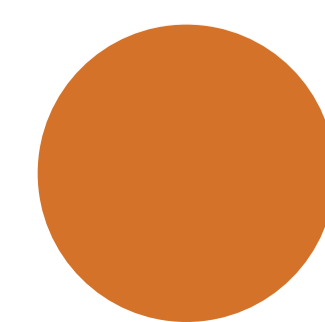
podemos olhar para uma plateia que não vemos, mas que nos observa? A partir de um novo sentido de acontecimento cênico, reinventamos ferramentas e nos descobrimos como um corpo aplicativo (KATZ, 2020) compondo cenas, editando, cenografando, sonorizando, produzindo materiais dentro de nossos lares com o objetivo de comunicar a dor condensada em nossos corpos na latência de um novo vazio.

Começar um novo processo de intimidade e cumplicidade a partir de encontros virtuais fez com que os integrantes do GPICC questionassem os sentidos de fazer arte em plena pandemia. Parecia que o corpo estando isolado não daria conta de falar sobre o mundo, mas entendemos que um mundo de sensações estava dentro de nós e era necessário falar sobre isso, de um mundo de sensações para um mundo de estranhezas. O desejo de não excluir as minorias dos nossos discursos performativos era ponto comum de todos, mas como nossos encontros poderiam falar de existência quando estamos mergulhados em desigualdades sociais que beiram a desumanidade? Reclamamos por não ter uma boa rede de internet enquanto alguns, muitos brasileiros, não têm água encanada nem rede de esgoto. Chegamos a avaliar que o que fazíamos antes havia perdido o sentido, mas mesmo assim, retomamos nossos laboratórios de pesquisa tentando ainda ajustar as nossas realidades ao contexto pandêmico tão desigual.



Depois de tantas sensações enredadas nesse contexto de doença e desgovernança do nosso país, depois de enfrentarmos essas forças destrutivas e respondermos as cobranças da universidade por novas metodologias emergenciais de ensino, a questão da desigualdade mais do que nunca visibilizada agita novos debates artísticos e acadêmicos. Poucos artistas e estudantes têm condições materiais e emocionais de acompanhar o prumo da história. Desconhecemos o corpo social da universidade. Desconhecemos as realidades de nossos pares de profissão, amigos e parentes. O desconhecimento nos leva assim a buscar novas mobilidades e friccionar o mundo com nossos corpos doloridos e sensibilizados. Trago minha voz apresentada no último congresso virtual da ANDA (2020), onde escrevo sobre esse tema:

O desejo de falar das nossas vidas em cena nos levou a realizar laboratórios entre telas. Nesse tempo alimentamos a esperança do dia do encontro, do abraço, do suor, do jogo em tempos síncronos sem *delays*, com o caos habitual das tempestades de ideias, de sonhos, de composições caóticas e harmônicas, de experiências de leituras, escritas, poesias e canções. Choramos entre telas o nosso desejo por espaço, o peso da nossa existência, o desconforto de não dar conta de falar do mundo e para o mundo. O tempo passava a revelia de ações contundentes de produção. Parecia que quanto mais fazíamos menos nos sentíamos achando a nossa nova linguagem. Mas continuamos buscando processos e não resultados. Paulatinamente um tipo de linguagem começa a se desenhar no tempo. Apresentamos experiências em tempo



real, nosso primeiro trabalho: Fragmentos de realidades entre telas⁴. Em encontro do GPICC em agosto de 2020, um de nossos integrantes trouxe o seguinte depoimento: “descobri que eu desenho para me lembrar de quem eu sou”. No mesmo instante mergulhei em memórias corporais, das minhas danças na cozinha, no chuveiro, das canções, poesias, gravações que faço sem propósito algum. Porque preciso fazer. Dor no peito pra sair a poesia da rotina, palavras estavam soltas e se reorganizam enquanto o corpo chora: Todos os dias eu choro. Uma comida, uma conversa, uma canção. Todos os dias eu choro. Uma carência, uma criança, uma afecção. Todos os minutos eu pergunto. Quantos serão os dias... quantos resistirão... quantos transmutarão... Em todas as músicas me encontro... atravessada, cansada, levantada, levitada, embalada... E em todas as noites me vejo em busca de um sonho,... de uma imagem que se revele em ação... de uma revelação... (SOUZA, Diário de pesquisa, 2020)⁵

Tentamos ainda responder ou performar em experiências multissensoriais as questões existenciais desse momento. Aline Pachamama (2015) em seu livro de poesias intitulado *Pachamama: a poesia é a alma de quem escreve*, nos ajudou a repensar os acalantos atuais do nosso corpo e os chamados a realidade muitas vezes em suspensão. Na minha casa todos os dias a dança e o canto acontecem para nos manter firmes, erguidos com força e suavidade. A dança me lembra a vida que ainda deve ser experimentada, vivida e muito prezada por nós, artistas do corpo. Descobrir a poesia da voz com Pachamama me trouxe de volta a

⁴ <https://youtu.be/4PQMTPVy1sE>. Último acesso em 05/10/2020.

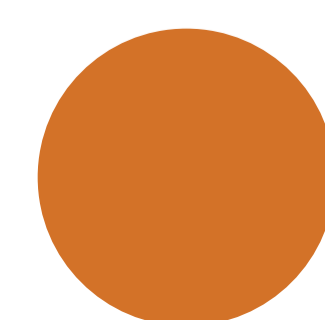
⁵ Síntese das experiências do GPICC durante a Pandemia da COVID-19 apresentado no VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança: <https://youtu.be/9pVCcmyzwB0> Último acesso em 05/10/2020.

condição humana de sentir. Usar a palavra na sua vocalidade buscando a vida e o afeto inerente a ela e a voz emanada com ela, pode gerar conforto, carinho, alívio e resistência. Na *solitude* de uma pausa, uma voz pode nos trazer um tipo de afecção potente sobre a vida. Assim, sobrevivemos em experiências de corpo-voz-afeto num GPICC virtual que se quer presente no mundo como uma ode de amor a vida.

FIM DO PRIMEIRO ATO - CORTINA FECHA - INTERVALO

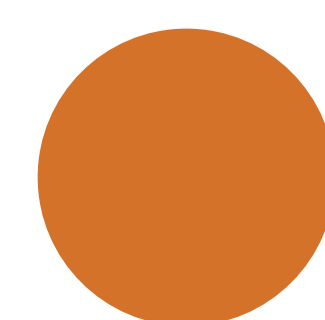
CENA 2 - FERNANDA NICOLINI ENTRA CAMINHANDO RAPIDAMENTE EM SILÊNCIO: UMA CONTRA-LUZ SE ACENDE E UMA CONTRA-DANÇA SE INICIA ENQUANTO CONVERSA COM A PLATEIA.

Como mencionado anteriormente este texto está sendo uma documentação das nossas experiências em tempos de Coronavírus e, por si mesmo mais uma experiência em arte, escrita como um documento acadêmico, mas também com a dinâmica de um trabalho artístico. Como tal, as palavras relatadas por Inês me atravessam como uma fala em cena e, por sua vez, tocam em pontos das minhas experimentações. Como bailarina, performer e pesquisadora as sensações de angústia e dor como gatilhos para seguir movendo e produzindo durante o isolamento social também



me tomaram. O sentimento de uma necessidade urgente em colaborar com o não apagamento do campo na virtualidade e na ocupação dos espaços infinitos entre telas também foram motivadores. A maioria dos colegas e conhecidos conseguiu tomar fôlego, mas eu resolvi mergulhar mais fundo nesta lógica e como uma curiosa nata por processos resolvi mergulhar até não dar mais pé, não pra me afogar, mas com o intuito de compreender de que forma eu poderia respirar no irrespirável.

Como artista-pesquisadora também resolvi iniciar essa empreitada revendo e revisitando meus processos de criação anteriores, aos quais eu hoje chamo de processos analógicos por não terem recebido uma interferência relevante com a digitalidade até então. Observando trabalhos de outros artistas que estavam realizando e veiculando na rede, percebi que os mesmos partiam de uma adaptação digital tentando alcançar um resultado semelhante ao que se alcançaria em condições anteriores. Desta maneira gerou-se uma onda de insatisfação, uma sensação de ineficiência sobre resultados chegando até mesmo a uma incredulidade de artistas com seus processos e o sentido de suas trajetórias. Mais adoecimento. Neste impulso necessário de sobrevivência, acabamos esquecendo da máxima de que, mais importante do que fazer é o como fazer.



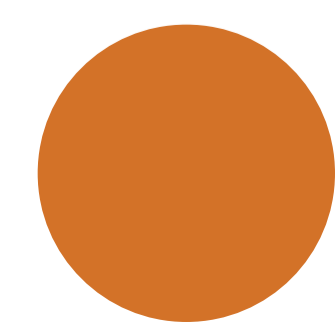
Ao interagir com qualquer um dos ambientes mediados pela tecnologia, o bailarino terá que se mover com outras ignições, diferentes de quando não está em um espaço, por isso precisa criar músculos [...] no sentido de ganhar experiência com aquele lugar, e ainda devendo considerar que cada lugar, cada corpo, cada movimento será único (SANTANA, 2018, p. 82).

O fazer digital em dança não obedece e nem poderia obedecer a mesma lógica do fazer presencial. Encontramos dificuldades desse entendimento pela pouca exploração do meio que tivemos até aqui. Atualmente a necessidade nos colocou em um grau de intimidade com as tecnologias digitais como nunca antes, gerando conflitos processuais justamente pela tentativa de justaposição de métodos buscando os mesmos resultados. Também se mostra comum uma sensação hierarquizante entre o digital e o físico, onde o digital é na maioria das vezes considerado como inferior. Na verdade não há como compararmos o mundo virtual e o mundo físico, um não significa a exclusão do outro (SANTANA, 2006). Mas e se ao invés de uma competição ou justaposição, tentando adaptar o que não cabe perfeitamente (nem jamais caberá), pensássemos na possibilidade de expansão? Foi nesta expansão que desdobrei meu corpo em contra-danças.

Adotei a contra-dança como uma metodologia de sobrevivência, ou como mantenedora de minha sanidade

como mencionou Inês anteriormente. Durante este período de julgamentos ainda maiores do que se deveria ou não fazer como artista da dança, resolvi estabelecer uma contra-dança não como um não dançar mas como uma aproximação para entender o meio disponível de trabalho, trabalho que atravessa sem dicotomia minha vida. Como ressignificar meu corpo?

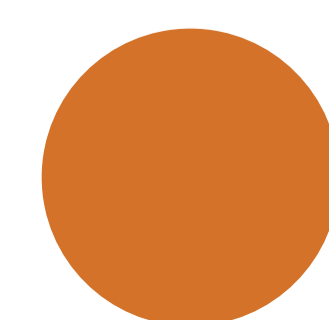
Ressignificar a palavra corpo a partir da dança vem me acompanhando ao longo de toda minha pesquisa artístico-acadêmica bem antes disso tudo acontecer e agora não poderia ser diferente. Obviamente existem inúmeras discussões em diversas camadas a respeito da produtividade e da invasão do *home office* na vida das pessoas que o puderam praticar. Uma invasão neoliberal retirando o pouco tempo livre do trabalhador fazendo-o ser mais produtivo ou empreendedor de si mesmo. Frases de efeito para dizer a mesma coisa: "Não pense em crise, trabalhe!". Este não era o meu caso, durante todo este período estive plenamente consciente das mazelas que defender uma imersão como esta poderia resultar e dos rótulos esvaziados disfarçados de elogios que eu poderia receber sobre uma suposta super produtividade em período de isolamento social. Sem falsa modéstia tive coragem, que não sei de onde veio, talvez das inúmeras vezes que precisei me reinventar até hoje criando meus próprios



espaços para a fala do meu corpo. É nessa coragem e reinvenção de mim mesma que minha contra-dança vem sendo, vem descobrindo maneiras de ser.

Desta forma experienciei muitos arranjos e processos de criação que foram desde trabalhos individuais com caráter terapêutico até trabalhos com grandes coletivos. *Zoom*, *lives*, artigos, vídeos, editais, congressos, cursos, seminários, facilitação de oficinas, gravação de videoaulas, trabalhos performáticos e coreográficos com pessoas próximas e com desconhecidos. Trabalhos e projetos em desenvolvimento com parcerias criadas neste ambiente e somente neste ambiente também foram produzidos. Tudo em formato remoto e online na tentativa por compreender como podemos dançar ou como podemos respirar no impossível. O que me organiza e me dá ar, é sem dúvida tentar e estar pronta para a minha própria ineficiência, para meu fracasso, para meu erro e para o acaso que transformam mundos e transformam a todos nós. Um pensamento em consonância com Verônica Fabrini conforme visto anteriormente.

Esta metodologia da contra-dança se estabelece como elo na construção das minhas próprias tecnologias digitais, compreendendo aqui tecnologia como estudo das técnicas e dos meios para se fazer algo. Mais uma vez retorno a importância de atentarmos ao *como fazemos* como um

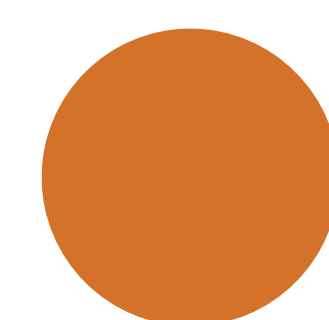


movimento potencializador de um discurso coerente e experienciado. Trabalhos como: o vídeo *Message to Balzac*⁶, o projeto de instalação performática coletiva *Dispositivo Afetivo*, o projeto de lives *Performance em Pauta*⁷, e a oficina online *Dança Coisada* oferecida por mim a convite da Associação Dança Cariri do Ceará e este artigo foram divisores de água na composição de minhas tecnologias e que, futuramente quando for possível o reencontro presencial, alguns de seus processos serão aplicados em formato analógico também. Processos híbridos para corpos híbridos, afinal, não seremos os mesmos corpos de antes.

Da relação corpo-mundo outras tecnologias de reorganização do meu corpo, do corpo do outro e por consequência de mundos, emergem. Uma espécie de hibridismo de fazeres entre tecnologias analógicas pré-pandêmicas somadas a tecnologias digitais. É exatamente neste cruzamento que a subjetividade da criação acontece e a sensibilidade nos toca fazendo com que novas coisas aconteçam. Coisas que talvez ainda não saibamos nomear. Nas palavras de Cerbino e Mendonça: “no acesso aos meios de criação e na mistura, tanto de referências como de ‘maneiras de criar’ que surgem uma nova definição de obra” (CERBINO; MENDONÇA, 2011, p.355).

⁶ Primeiro vídeo realizado no início da pandemia no Brasil e selecionado pelo Tanz Wuppertal Pina Bausch Create(AL). Disponível em : https://www.instagram.com/tv/B_Prnnjoawy/ Último acesso em 06/10/2020.

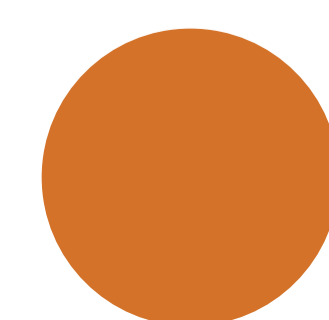
⁷ Projeto em parceria com a artista e pesquisadora Mery Horta, de investigação performática sobre comportamento corporal em lives realizadas no Instagram.



Sigo tentando me compreender no mundo através da minha arte, compreender as relações que a dança pode estabelecer através da minha contra-dança que mais do que me fazer respirar, segue criando afetos e proporcionando um olhar mais sensível sobre a frieza e a crueldade que a digitalidade transparece neste país no ano de 2020. Tudo parece uma questão de aproximar para compreender.

CONSIDERAÇÕES DE UM ATO FINAL

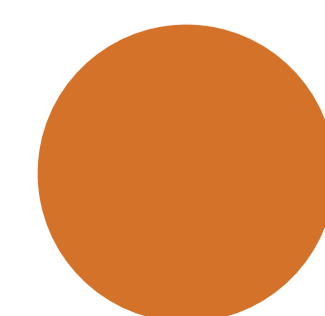
Após duas falas tomadas pelas nossas práticas artísticas intimamente desmontadas em um período de vulnerabilidade como o da pandemia de COVID19, dedicaremos estas considerações finais ao encontro de confluências e a tentativa de resposta a algumas questões abordadas até aqui. Dois olhares foram lançados a você leitor(a). Um foi o olhar de Inês, uma reflexão de uma artista pesquisadora e docente a partir das inquietações sobre a manutenção em formato remoto de investigações artísticas com seu grupo de estudos iniciadas antes da pandemia. O outro olhar foi o de Fernanda, uma artista pesquisadora que estabeleceu nada menos do que o mais fundo que pudesse ir no desconhecido para seguir descobrindo as possibilidades de seu ofício, criando e abrindo espaços no deslimite do virtual, métodos digitais que a artista nomeou de contra-



dança. Estas abordagens que parecem distintas se cruzam em outros dois pontos.

O primeiro cruzamento se dá no momento em que nós autoras deste texto fomos conectadas pela vida acadêmica na medida em que a professora pesquisadora Inês é orientadora da aluna pesquisadora Fernanda. O outro cruzamento se dá na medida em que ambas as autoras buscam a sobrevivência e a manutenção de seus trabalhos adotando estratégias individuais e coletivas a partir de afetos para prosseguir. O afeto se mostra recorrente como característica destes processos de criação presencial e virtual. Se dizemos que os processos presenciais pré pandemia podem ser considerados como analógicos e os processos de criação durante a pandemia foram condicionados ao digital, o afeto se mostra como uma das poucas possíveis características dentro de ambas as metodologias passível de continuar em curso nos dois contextos.

No olho do furacão a arte segue se defendendo e resistindo, construindo através dos gestos, mundos, corpos e relações. Dentro desta resistência ao projeto invisibilizador, talvez possamos arriscar respostas para perguntas que nos fizemos anteriormente e que agora, a partir do compartilhamento íntimo de nossos processos possamos ter mais lucidez. Que corpos estão sendo fabricados em



tempos do gesto enclausurado? E quais as outras tantas possibilidades de corpos estão deixando de existir na virtualidade pela inacessibilidade digital? Uma primeira e rápida tentativa de responder: corpos afetivos. Corpos que agora podem entender a importância do outro em nossas vidas. O outro que nos mostra quem somos, o que podemos, nossas fronteiras e as possibilidades de interferências nos caminhos e descaminhos. O outro como duplo de nossa existência, da nossa arte de fazer danças, contra-danças e tudo mais que nos afete e faça emergir, no meio de tantas tecnologias e virtualidades, o mais que humano em nós.

__REFERÊNCIAS

CERBINO, Beatriz; MENDONÇA, Leandro. **Considerações sobre as relações entre autoria, dança, cinema e videodança**. Liinc em Revista, v.7, n.2, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v7i2.435> . Acessado em Setembro de 2020.

FABRINI, Verônica Machado Almeida. **Para se pensar o ensino do teatro guiado pela alma**. Revista Digital Art&, São Paulo, Ano XIII, n. 18, 2016. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-18/09.pdf>. Acessado em agosto de 2020

_____. **Arte e Vida. Revista Aspás**, v. 4, n. 1, p. 3-13, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/82956>. Acessado em Julho de 2020.

FEITOSA, Charles; FERRACINI, Renato. A questão da presença na filosofia e nas artes cênicas. *Ouvirouver*, Uberlândia, v.13, n.1, p.106-118, Jan-Jun 2017.

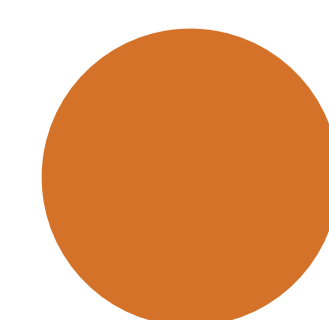
ROQUET, Christine. **Ler o gesto: uma ferramenta para a pesquisa em dança**. Tradução: Joana Ribeiro da Silva Tavares; Marito Olsson-Forsberg. *Revista Cena*, Porto Alegre, n. 22, p.15-27, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/73754/42496>. Acessado em Agosto de 2019.

KATZ, Helena. **A Dança nas telas: é possível escapar dos “corpos app”?** Masp Palestra Online . Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CFKyJ6TJHi2/> . Acessado em Setembro de 2020.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **A poesia é a alma de quem escreve**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2015.

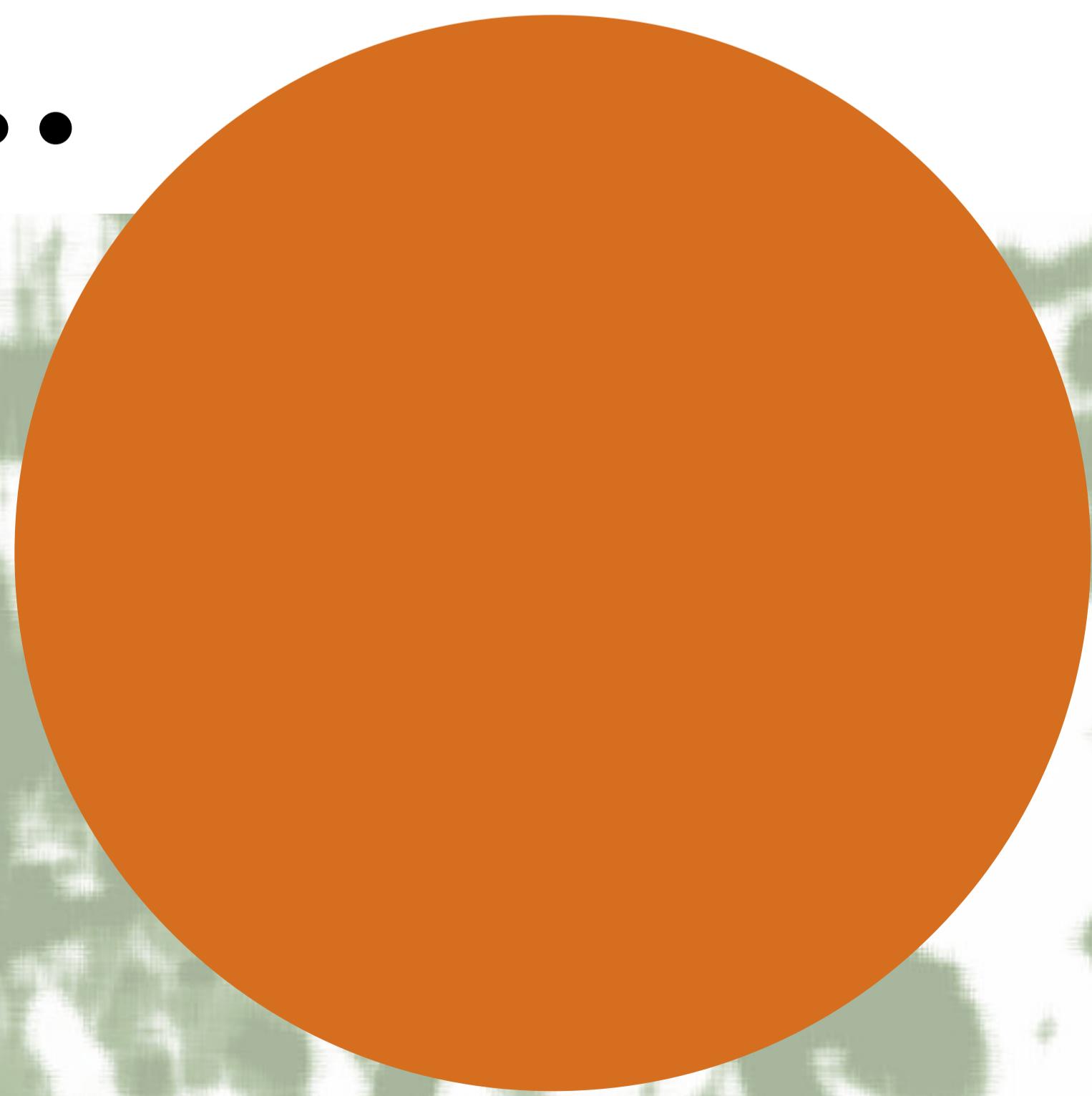
PAVIS, Patrice. **Dicionário da Performance e do Teatro Contemporâneo**. Tradução: Jacó Guinsburg *et al.* São Paulo: Perspectiva, 2017.

SANTANA, Ivani. **Dança na Cultura Digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

